

Modernismo e suas gerações no Brasil

A Semana de Arte Moderna

A Semana de Arte Moderna consistiu, na realidade, em três noites (13, 15 e 17 de fevereiro) e constituiu-se no "brado coletivo" do Movimento Modernista. Mas o espírito moderno já se enraizava em várias obras, artigos e manifestos desde 1917.

O espetáculo de 13 de fevereiro foi aberto com a conferência de Graça Aranha, intitulada "A Emoção Estética na Arte Moderna", acompanhada da música de Ernani Braga e das poesias de Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida.

A conferência de Graça Aranha não chegou a causar espanto, ao contrário da música de Ernani Braga, que fazia uma sátira a Chopin – o que levaria a pianista Guiomar Novaes a protestar publicamente contra os organizadores da Semana.

O segundo espetáculo, a 15 de fevereiro, anunciava como grande atração a pianista Guiomar Novaes, que, apesar do protesto, compareceu e se apresentou. Entretanto, a "atração" foi uma conferência de Menotti del Picchia sobre arte e estética, ilustrada com a leitura de textos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Plínio Salgado, entre outros; a cada leitura, o público se manifestava através de miados e latidos. Ronald de Carvalho lê *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, numa crítica aberta ao modelo parnasiano; o público faz coro, ironizando o refrão "foi! não foi! foi! ...". Durante o intervalo, Mário de Andrade lê, nas escadarias do teatro, trechos de *A Escrava que não é Isaura*.

A 17 de fevereiro, realizou-se o "terceiro e último grande festival" da Semana de Arte Moderna, com apresentação de músicas de Villa-Lobos. O público já não lotava o teatro e comportava-se mais respeitosamente. Exceto quando o maestro Villa-Lobos entra em cena de casaca e... chinelos; o público interpreta a atitude como futurista, e vai. Mais tarde, o maestro explicaria que não se tratava de futurismo e sim de um calo arruinado...

Eis os programas das três jornadas de espetáculos da Semana de Arte Moderna:

Programa do Primeiro Festival (2ª feira, 13 de fevereiro)

1ª Parte

- Conferência de Graça Aranha "A Emoção Estética na Arte Moderna", ilustrada com música executada por Ernani Braga e poesia por Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho.
- Música de câmara: Villa-Lobos, **Sonata II** para violoncelo e piano (1916), com Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos; **Trio Segundo** para violino, violoncelo e piano (1916), com Paulina d'Ambrósio, Alfredo Gomes e Frutuoso de Lima Vianna.

2ª Parte

- Conferência de Ronald de Carvalho: "A Pintura e a Escultura Moderna no Brasil".
- Solos de piano por Ernani Braga: *Valsa mística* (1917, da *Simples coletânea*); *Rodante* (da *Simples coletânea*); *A fiandeira*.
- Octeto (*Três danças africanas*); "Farrapos" (1914, "Danças dos moços"); "Kankukus" (1915, "Danças dos velhos"); "Kankikis" (1916, "Danças dos meninos").
Violinos: Paulina d'Ambrósio, George Marinuzzi.
Alto: Orlando Frederico.
Violoncelo: Alfredo Gomes; baixo: Alfredo Corazza.
Flauta: Pedro Vieira; clarinete: Antônio Soares.
Piano: Frutuoso de Lima Vianna.

Programa do Segundo Festival (4ª feira, 15 de fevereiro)

1ª Parte

- Palestra de Menotti del Picchia, ilustrada com poesias e trechos de prosa por Oswald de Andrade, Luís Aranha, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Agenor Barbosa e dança pela senhorinha Yvonne Daumerie.
- Solos de piano por Guiomar Novaes:
a) Blanchet: *Au Jardin du Vieux Séraill*.
b) Villa-Lobos: *O Ginete do Pierrozinho*.
c) Debussy: *La Soirée dans Grenade*.
d) Debussy: *Minstrels*.

Intervalo

- Palestra de Mário de Andrade no saguão do Teatro.

2ª Parte

- Palestra de Renato Almeida: "Perennis Poesia".
- Canto e piano por Frederico Nascimento Filho e Lucília Villa-Lobos: *Festim Pagão* (1919); *Solidão* (1920); *Cascavel* (1917).
- Quarteto Terceiro (cordas, 1916):
Violinos: Paulina d'Ambrósio e George Marinuzzi.
Alto: Orlando Frederico.
Violoncelo: Alfredo Gomes.

Programa do Terceiro Festival (6ª feira, 17 de fevereiro)

1ª Parte

- Villa-Lobos: **Trio Terceiro** para violino, violoncelo e piano (1918), com Paulina d'Ambrósio, Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos.
- Canto e piano por Maria Emma e Lucília Villa-Lobos.
- **Historietas**, de Ronald de Carvalho (1920): "Lune d'octobre"; "Voilà la vie"; "Jouis dans retard, car vite s'écoule la vie".
- **Sonata II** para violino e piano (1914), com Paulina d'Ambrósio e Frutuoso de Lima Vianna.

2ª Parte

- Solos de piano por Ernani Braga: "Camponesa cantadeira" (1916, da *Suite floral*); "Num berço encantado" (1919, da *Simples coletânea*); *Dança infernal* (1920).
- **Quarteto Simbólico** (impressões da vida mundana): flauta, saxofone, celesta e harpa ou piano com vozes femininas em coro oculto (1921), com Pedro Vieira, Antônio Soares, Ernani Braga e Frutuoso de Lima Vianna.

In: ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22. A aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1992. (Coleção História em Aberto).

A ordem era: escandalizar

Graça Aranha inaugurou a Semana com o pronunciamento da conferência "A Emoção Estética na Arte Moderna". Criticou duramente a Academia Brasileira de Letras por seu passadismo e por seu conservadorismo, causando reações na plateia (vaias, protestos).

A 15 de fevereiro, Menotti del Picchia falou sobre arte e estética, ilustrando sua fala com textos de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Plínio Salgado. No entanto, foi Ronald de Carvalho quem causou o maior escândalo ao declamar o poema *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, que não pôde estar presente.

O público, em coro, respondeu ao refrão de alguns versos do poema “Foi! não foi! foi! não foi!”.

Na noite do dia 17 de fevereiro, totalmente dedicada à música, o compositor Heitor Villa-Lobos, de casaca e chinelos, também causou incidentes na plateia. Entretanto, não se tratava de uma atitude futurista, mas de um problema no pé do músico.

Alguns jornais chegaram a noticiar que as agitações da Semana de Arte Moderna tivessem sido provocadas pelos seus realizadores. Entretanto, se não se pode negar o fato completamente, não se pode também afirmá-lo. O certo é que houve um intuito de sacudir as artes nacionais estagnadas.

Após a Semana

O balanço da Semana de Arte Moderna foi positivo.

A continuidade dos trabalhos iniciados ocorreu no próprio ano de 1922. Mário de Andrade foi autor do projeto mais arrojado, lançando o livro de poesias *Pauliceia Desvairada*, no qual todos os seus projetos de vanguarda eram expostos pela primeira vez: a poesia urbana, sintética, antiromântica, fragmentária. Com isso, ele quis retratar a São Paulo concreta, cosmopolita, egoísta, burguesa. Faz parte do *Pauliceia Desvairada* o “Prefácio Interessantíssimo”, que pode ser classificado como um manifesto irônico sobre a estética modernista.

Jovens artistas conseguiram bons espaços, ainda em 1922, dando sequência aos seus trabalhos. Oswald de Andrade, o revolucionador da prosa brasileira, lançou, no mesmo ano, o romance *Os Condenados*, cuja prosa, baseada em fragmentos, assemelhava-se ao modo de narrar cinematográfico. Sedimentou-se, após a Semana, a carreira de Heitor Villa-Lobos. Outros vultos da Semana incumbiam-se de divulgá-la por todo o país e fora dele: Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet.

Patrícia Galvão (Pagú)

(Pagú) Patrícia Rehder Galvão nasce no dia 09 de junho de 1910 em São João da Boa Vista, São Paulo, terceira filha de Adélia Rehder Galvão e Thiers Galvão de França. Três anos depois a família se muda para São Paulo, cidade que passava, desde o fim do século XIX, por profundas transformações. Há um surto de expansão econômica motivado, sobretudo, pelas lavouras cafejeiras do interior do estado e pela proliferação de indústrias.

É nesta cidade que cresce vertiginosa e desordenadamente que Patrícia passa a frequentar a escola. De saia azul, blusa branca, cabelos soltos e batom escuro, ela chama a atenção dos rapazes da Faculdade de Direito ao passar diariamente pelo largo de São Francisco.

“Era uma menina forte e bonita, que andava sempre muito extravagantemente maquiada, com uma maquiagem amarelo-escuro, meio cor de queijo palmira, e pintava os lábios de quase roxo, tinha um cabelo comprido, assim pelos ombros, e andava com o cabelo sempre desgrenhado e com grandes argolas na orelha. Passava sempre lá pela faculdade, de uniforme de normalista. E os estudantes buliam muito com ela, diziam muita gracinha pra ela (...) faziam muita piada e ela respondia à altura, porque não tinha papas na língua para responder”, descreve um estudante de direito da época.

Alfredo Mesquita, em texto de 1971, falou sobre a amiga: “Pagú fora aluna célebre da ‘Escola Normal da Praça’ (...) Corriam em São Paulo, cidade provinciana, histórias malucas a seu respeito: fugas, pulando janelas e muros da escola, cabelos cortados e eriçados, blusas transparentes de decotes arrojados, cigarros fumados em plena rua. Escândalos, para a época”.

A “escandalosa” Pagú presencia também, ainda que muito jovem – tinha à época 12 anos – a Semana de Arte Moderna de 1922 e o início do Movimento Modernista, do qual mais tarde iria participar. Em 1925, com quinze anos, passa a colaborar no *Brás Jornal*, assinando Patsy.

Além da Escola Normal, Zazá, como era conhecida pelos familiares, frequenta com a irmã Sidéria o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde lecionava Mário de Andrade.



Exercícios de Fixação

Texto

“Ao longo de seu percurso, o Modernismo atravessou as seguintes fases: de destruição, entre 1922 e 1928, caracterizada pela irreverência iconoclasta (“poema-piada”), o nacionalismo desenfreado, o primitivismo, o repúdio total de nosso passado histórico; em 1928, com a publicação de *Macunaima*, de Mário de Andrade, e de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, tem começo a segunda fase, que se estende até 1945: etapa de construção, de edificação de um organismo literário coerente com o espírito reformador, dá origem à ficção nordestina e regional de Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo; ao romance urbano, psicológico e introspectivo de Otávio de Faria, Marques Rabelo, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, José Geraldo Vieira; à poesia de Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Ribeiro Couto, Augusto Frederico Schmidt e outros, vindos de antes, mas definindo o melhor de sua obra nesta altura, ou iniciando, então, sua trajetória. Terminada a Segunda Grande Guerra, em 1945, surge nova geração, que, procurando fugir aos excessos do grupo de 22, defende a primazia da ordem sobre o caos anterior (Ledo Ivo, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Cabral de Melo Neto). Pouco depois, aparece Guimarães Rosa, continuando e transcendentalizando o Regionalismo dos anos 30; Clarice Lispector e sua ficção introspectiva; o Concretismo, que, recuperando a matriz vanguardista de Oswald de Andrade, prega a superação do verso e a correspondente substituição por estruturas organizadas segundo critérios de especialidade e simetria geométrica. Na década de 60, ainda se registra a confirmação da obra ficcional de um Dalton Trevisan, um Osman Lins, um Mário Palmério.”

Massaud Moisés, in: *A literatura brasileira através dos textos*, Cultrix.

- Segundo o texto do professor Massaud Moisés, a fase destrutiva do Modernismo brasileiro foi:
 - a primeira.
 - a segunda.
 - a terceira.
 - a primeira e a segunda.
 - nenhuma das anteriores.
- Essa mesma fase teve seu início:
 - em 1922.
 - em 1928.
 - em 1930.
 - em 1945.
 - nenhuma das anteriores.
- Assinale a alternativa que contiver um autor que o texto relacione à ficção nordestina e regional.
 - Mário de Andrade.
 - Carlos Drummond de Andrade.
 - Cecília Meireles.
 - Jorge Amado.
 - Nenhuma das anteriores.
- No mesmo texto, “irreverência iconoclasta” significa:
 - nacionalismo desenfreado.
 - desrespeito pelos ídolos literários do passado brasileiro.
 - primitivismo.
 - bom humor.
 - nenhuma das anteriores.

5. Segundo o mesmo texto, a segunda etapa do Modernismo brasileiro caracterizou-se:
- pele repúdio total de nosso passado histórico.
 - pele surgimento do romance regionalista nordestino.
 - pele nacionalismo primitivista.
 - como continuadora da iconoclastia irreverente da Geração de 22.
 - nenhuma das anteriores.
6. Pelo que depreendemos do texto lido, a “irreverência iconoclasta” da Geração de 22 opõe-se a uma característica da segunda geração. Qual é essa característica?
- Surgimento do romance urbano, psicológico, introspectivo.
 - Surgimento do romance regionalista.
 - Ser uma geração preocupada em construir um organismo literário coerente com o espírito reformador.
 - A e B** são corretas.
 - Nenhuma das anteriores.
7. No texto do professor Massaud Moisés, “ficção” significa:
- poemas.
 - peças de teatro.
 - livros de ficção científica.
 - romances.
 - nenhuma das anteriores.
8. Segundo o texto lido, a produção de Carlos Drummond de Andrade liga-o:
- à primeira geração modernista.
 - ao romance regionalista da segunda geração modernista.
 - ao romance urbano da segunda geração modernista.
 - à terceira geração modernista.
 - nenhuma das anteriores.
9. O mesmo texto do professor Massaud Moisés relaciona o desdobramento do Modernismo em uma terceira fase com:
- o Estado Novo.
 - a Revolução Constitucionalista de 32.
 - a Segunda Guerra Mundial.
 - a Semana de Arte Moderna.
 - nenhuma das anteriores.
10. “A língua sem arcaísmo. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”.
- Neste trecho do Manifesto *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, depreende-se um dos programas propostos pelos modernistas:
- a invenção de uma nova língua, estruturalmente diferente da falada e escrita pelos portugueses.
 - a imitação do discurso dos autores populares da literatura oral brasileira.
 - a incorporação da fala brasileira à língua literária nacional.
 - a volta à língua do Brasil dos primeiros tempos da colonização.
 - o repúdio à literatura dos escritores do passado, apenas porque eram afeitos à extrema correção.
11. Representante típico do movimento antropológico, um poema, escrito em 1928 e publicado em 1931, iria recriar os mitos da Amazônia, utilizando-se do seu regionalismo léxico e sintático. Trata-se de:
- Cobra Norato, de Raul Bopp.
 - Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo.
 - Juca Mulato, de Menotti del Picchia.
 - Clã do Jabuti*, de Mário de Andrade.
 - Raça, de Guilherme de Almeida.
12. Assinale a alternativa que se refere a Graciliano Ramos.
- Fruto de uma reportagem de jornal, sua obra famosa – dramático libelo contra um crime de genocídio – aponta a existência de um país desenvolvido, no litoral, e outro abandonado, no meio rural.
 - Com uma juventude marcada pela partição partidária, sua obra, a princípio preocupada, abriu-se para um engajamento social de tom épico e lírico, com que descreve aspectos das camadas marginalizadas da sociedade baiana.
 - Autor de vasta obra, em grande parte memorialística, apresenta um apreciável painel de realidade do nordeste açucareiro, descrito em alguns romances vigorosos que mostram o drama da decadência dos velhos engenhos.
 - Autor de literatura regionalista de caráter universalizante, sua prisão, por motivos políticos, forneceu-lhe material para uma obra de denúncia do atraso cultural da sociedade brasileira e das iniquidades do Estado Novo.
 - Tendo tido sempre grande participação política, chegando a ocupar cargos públicos durante o Estado Novo, é autor conhecido por um romance de observação da vida sertaneja, considerada inaugurador do realismo moderno.
13. Fernando Pessoa, o maior poeta de seu tempo e um dos grandes da Literatura Portuguesa, está ligado ao:
- Romantismo.
 - Realismo.
 - Parnasianismo.
 - Simbolismo.
 - Modernismo.
14. Portanto, criou seus versos:
- no final do século XVIII.
 - na primeira metade do século XIX.
 - na segunda metade do século XIX.
 - na primeira metade do século XX.
 - na segunda metade do século XX.
15. A respeito de Oswald de Andrade, é **incorreto** afirmar que:
- apesar de sua intensa participação na SAM, assumiu uma postura simpática em relação à poesia parnasiana.
 - em *Serafim Ponte Grande*, rompe com a forma e com a estrutura tradicionais do romance brasileiro.
 - o *Rei da Vela*, sua obra-prima em termos de dramaturgia, apresenta contundente crítica ao sistema burguês.
 - desenvolveu uma poesia original, plena de humor e ironia, com uma linguagem do cotidiano, repleta de neologismos.
 - filho único, rico, pôde viajar à Europa, onde entrou em contato com as ideias vanguardistas, que divulgaria no Brasil.
16. O romance de Clarice Lispector:
- filia-se à ficção romântica do século XIX, ao criar heroínas idealizadas e mitificar a figura da mulher.
 - define-se como literatura feminista por excelência ao propor uma visão da mulher oprimida num universo masculino.
 - prende-se à crítica de costumes, ao analisar com grande senso de humor uma sociedade urbana em transformação.
 - explora até as últimas consequências, utilizando, embora, a temática urbana, a linha do romance neonaturalista da Geração de 30.
 - renova, define e intensifica a tendência introspectiva de determinada corrente da ficção da segunda geração moderna.
17. O Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, uma das personagens mais bem realizadas da literatura brasileira, aparece como uma das figuras centrais do romance de José Lins do Rego, intitulado:
- Cangaceiros*.
 - Menino de Engenho*.
 - Fogo Morto*.
 - Usina*.
 - Banguê*.

18. Atribuindo ao elemento gráfico uma função na estrutura do poema e dando por findo o ciclo histórico do verso como unidade formal, esse movimento concebe o poema, em sua forma visível, como objeto estético em si mesmo, e não mais como intérprete de objetos exteriores e sensações subjetivas. Chamou-se esse movimento de:
- A) Expressionismo.
B) Concretismo.
C) Impressionismo.
D) Simbolismo.
E) Parnasianismo.
19. Voltado para as forças contidas na linguagem, esse autor apaga intencionalmente as fronteiras entre narrativa e lírica. Suas obras incluem e revitalizam recursos da expressão poética: aliteraões, onomatopeias, vocabulário arcaico ou neológico, rimas internas, ousadas combinações de sons e de forma. O texto acima refere-se a:
- A) Machado de Assis.
B) Aluizio de Azevedo.
C) Lima Barreto.
D) Guimarães Rosa.
E) Monteiro Lobato.
20. No Modernismo, diversos nomes de autores estão vinculados a revistas e grupos a que pertenciam. Qual das seguintes relações está **errada**?
- A) Mário de Andrade – *Klaxon*.
B) Carlos Drummond de Andrade – *A Revista*.
C) Cassiano Ricardo – *Antropofagia*.
D) Cecília Meireles – *Estética*.
E) Plínio Salgado – *Anta*.
21. Em dois movimentos estéticos, na literatura brasileira, há grande preocupação com o nacionalismo. Em um, evidencia-se a postura nitidamente ufanística; em outro, frequentemente contestatória. São eles, respectivamente:
- A) Romantismo e Simbolismo.
B) Romantismo e Modernismo.
C) Parnasianismo e Simbolismo.
D) Simbolismo e Modernismo.
E) Barroco e Arcadismo.
22. “Seu Lula gritava dentro de casa como se estivesse em luta com inimigos que lhe enchessem o quarto. D. Olívia naqueles dias, largava as suas gargalhadas. E gritava também. Por um instante a silenciosa casa grande do Santa Fé parecia agitada de paixões, de gente desesperada. Passava tudo e outra vez o silêncio tomava conta dos quatro cantos da sala e dos corredores. Seu Lula refugiava-se na rede. D. Olívia continuava a andar de um lado para outro.”
- A decadência de Engenho Santa Fé figurada na personagem trágica de seu proprietário, o coronel Lula de Holanda, é uma das trilhas narrativas percorridas pela grande síntese épica:
- A) *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.
B) *Terras do Sem-Fim*, de Jorge Amado.
C) *Saga*, de Érico Veríssimo.
D) *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.
E) *Fogo Morto*, de José Lins do Rego.

Os Movimentos de Vanguarda

As vanguardas europeias e os “ismos” contemporâneos

O Futurismo

Surge através do *Manifesto do Futurista*, publicado em *Le Figaro*, de Paris, em 22 de fevereiro de 1909, assinado por Filippo Tommaso Marinetti. Neste documento, o primeiro de uma numerosa série – pelos menos, de vinte manifestos se tem notícia segura – o ruidoso divulgador da nova atitude popular:

- O amor ao perigo, o hábito da energia, a temeridade.
- A poesia baseada essencialmente na coragem, na audácia, na revolução.
- A exaltação da agressividade, da insônia febril, do salto perigoso.
- O canto entusiasmado da velocidade.
- A poesia como um “violento assalto contra as forças desconhecidas, para intimá-las e prostrar-se diante do homem”.
- A abominação do passado.
- A exaltação da guerra, do militarismo, do patriotismo.
- O canto em poesia das “grandes multidões agitadas pelo trabalho, o prazer ou a rebeldia; as ressacas multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas”.
- O canto das estações de veículos, as fábricas, as locomotivas, os aeroplanos, os navios a vapor.
- A certeza do caráter perecível da própria obra que pretendiam.

Aliás, é nesta primeira manifestação que se encontram as famosas frases de efeito e que tanta indignação provocaram na época:

“Um automóvel rugidor, que tem o ar de correr sobre a metralha é mais belo que a Vitória de Samotrácia.”

“O tempo e o espaço morreram ontem. Vivemos já no absoluto, já que criamos a eterna velocidade onipresente.”

“Desejamos demolir os museus e as bibliotecas.”

Não é difícil perceber a heterogeneidade de elementos, os exageros retóricos, a oposição indivíduo/massificação, presentes no texto do Manifesto.

O Expressionismo

Foi o movimento de vanguarda na Alemanha, contemporâneo do Futurismo Italiano e do Cubismo Francês.

No seu sentido amplo, caracteriza a arte criada sob o impacto da expressão, mas da expressão da vida interior, das imagens que vêm do fundo do ser e se manifestam pateticamente. O mundo interior é obscuro e alógico; logo, assim também devia ser a expressão. Portanto, o Expressionismo, assim como o Surrealismo, vai valorizar os mitos, os sonhos, tudo aquilo que escapa ao controle lógico do homem.

O Cubismo

Na pintura, o ponto de partida da atitude cubista é o quadro de Pablo Picasso intitulado *Les demoiselles d'Avignon* (1907). Influenciado pelas estatuetas negras e polinésicas que começavam a aparecer em alguns *ateliers*, o genial pintor espanhol apresenta na composição formas geometrizadas, deformadas, notadamente nos rostos das figuras. Relevar notar que a parte realmente cubista do quadro são os dois nus femininos da metade à direita, que contrastam com os que se situam na metade à esquerda.



Les Femmes d'Alger (O Version O) (1907) é o quadro de Picasso que marca o início de uma nova era na história da arte. As personagens se encontram num espaço dominado por cores chapadas, secas e duras. É no desenho, contudo, anguloso e geometrizado, que se encontra a revolução maior, germe do cubismo.

Podem ser apontadas as seguintes características para o estilo cubista na arte literária:

- As obras de arte não devem ser uma representação objetiva da natureza, mas uma transformação dela, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva;
- A procura da verdade deve centralizar-se na realidade pensada e não na realidade aparente;
- A obra de arte deve bastar-se a si mesma.
- Eliminação do anedótico e do descritivo. O poema, por exemplo, reduz-se a uma sucessão de anotações sem relacionamento causal visível. “Correlativamente, o poeta se desdobra em outro e se interpela a si mesmo; no confessional, a autoscopia mostra o eu no espelho do tu”. (G. de Torre); É a técnica de que se vale, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, no seu famoso *José* (1940);
- Supressão da continuidade cronológica. As sensações e recordações vão ou vêm do presente ao passado, confundindo os seus caminhos;
- Supressão da lógica aparente. Evita-se o “pensamento-frase”, lógico, racional; prefere-se o “pensamento-associação”, que se move entre o consciente e o subconsciente; desaparece a continuidade lógica tradicional. É a desordem voluntária, a “enumeração caótica”;
- Preocupação com o tempo presente. “Tudo é tema de poesia”. Os poetas querem viver em seu tempo. O poeta se abandona ao impulso primeiro de sua pena e à visão simultânea de todas as coisas que firam a sua sensibilidade, sua inteligência, na sua memória;
- Influência de viagens, de paisagens exóticas, de cidades apenas vislumbradas;
- Valorização do humor para afugentar a monotonia da vida que é cinzenta. Cumpre criar novas situações humorísticas, nascidas não de uma visão amargamente irônica ou exageradamente otimista da existência, mas da visão instantânea do mundo e do uso de elementos-surpresa;
- Das repercussões do Cubismo, efêmero como atitude literária, citam-se: a técnica cinematográfica, a multiplicação de planos e a simultaneidade espaço-tempo.

O Dadaísmo

Surge em Zurich, com o primeiro manifesto de Tristan Tzara, lido em 14 de julho de 1916. (Ao todo foram sete os manifestos Dada).

Dada nasceu – no cabaré Voltaire, de Zurich, 1916 – “de um desejo de independência, de desconfiança para com a comunidade. Os que estão conosco guardam sua liberdade. Não reconhecemos nenhuma teoria. Basta de academias cubistas e futuristas: laboratórios de ideias formais”, esclarece aquele documento.

Assinalemos os princípios propostos pelo Dadaísmo:

- é uma tentativa de demolição;
- propõe a abolição da lógica, “dança dos impotentes da criação”;
- prega a abolição da memória, da arqueologia, dos profetas, do futuro;
- exalta a liberdade total da criação: “Estamos contra todos os sistemas, mas sua ausência é o melhor sistema”;
- propõe a percepção da vida em sua lógica incoerência primitiva;
- tenta a criação de uma linguagem totalmente nova e inusitada;
- busca cortar o nexo de ligação com a realidade vital;
- propõe-se um estilo antigramatical, uma linguagem simplista e interjeicional;
- prega que “a arte tende a uma liberação suprema, ao transformar-se numa simples distração”;
- declara que “arte não é coisa séria”;
- admite que a arte não necessita ser compreensível: pode reduzir-se a uma gíria de iniciados.

André Breton, Louis Aragon, Robert Desnos, Salvador Dali, Marcel Duchamp, Picabia, Max Ernst, George Gross tiveram, em maior ou menor intensidade, afinidades com o Dadaísmo. O Surrealismo surgiu de uma cisão entre Tzara e André Breton, mas em alguns momentos, misturaram suas águas.

Precusores dos “*happenings*”, dos “*espetáculos-provocação*”, dos “*desbundes*” da década de 1960, os dadaístas fermentaram a atitude anárquica dos modernistas da “*Fase Heroica*” (1922), da *Semana de Arte Moderna* e do “*Desvairismo*”, corrente que Mário de Andrade funda no prefácio de *Pauliceia Desvairada*.

O Surrealismo

Cronologicamente, é o último movimento da vanguarda europeia e surgiu com esse nome em 1924, quando André Breton lançou o *Manifesto Surrealista*. A palavra “surrealismo”, contudo, já havia sido empregada por Apollinaire, em 1917.

O Surrealismo nasceu de uma ruptura com o Dadaísmo, desiludido com o seu nihilismo e sua autofagia. Enquanto Tristan Tzara queria manter como constante a mera destruição, André Breton e seu grupo achavam que a ação demolidora deveria ser somente uma das etapas de processo criativo. Queriam elaborar uma nova cultura, achar um novo caminho, um meio de acesso às zonas profundas do psiquismo humano. Questionando a sociedade e as artes, eles se propunham destruí-la radicalmente, para recriá-la a partir de técnicas renovadoras.

“O Surrealismo se baseia na onipotência do sonho e no desinteressado jogo do pensamento; sua finalidade é resolver as condições previamente contraditórias de sonho e realidade, para criar uma realidade absoluta, uma superrealidade.”

Entre as propostas do movimento, destacamos:

- conflito entre a vida vivida e a vida pensada;
- desejo de redenção psicológica, social e universal do ser humano;
- ilogismo;
- valorização do inconsciente;
- automatismo verbal e escrito;
- modificação das estruturas da realidade;
- emprego da imagem liberada;
- humor negro.

Projeções do Surrealismo

Ao Surrealismo associam-se: o magicismo universal (a arte primitiva, a poesia pré-lógica), a corrente europeia esotérica (desde o movimento cabalista até o reflorescimento do ocultismo) e a arte e poesia “malditas”, associadas frequentemente à loucura, desde Paracelso a Hieronimus Bosch, sendo este último uma estranha antecipação do *non sense* surrealista.

No cinema, a obra riquíssima de Luís Buñuel, desde *A Idade do Ouro* e *O Cão Andaluz*, até *O Discreto Charme da Burguesia* e *O Fantasma da Liberdade*, é pontilhada de cenas insólitas, decompondo e recriando o mundo das coisas reais e retratando realisticamente o mundo irracional do sonho.

No Brasil, as projeções do Surrealismo são inegáveis em Oswald de Andrade, Murilo Mendes e Jorge de Lima, sendo este último o que mais se aproximou de um “programa” surrealista, adotando a técnica da escrita automática.

O mais importante “ismo” do século atual teve na América Latina um desdobramento da maior importância: o realismo-fantástico, ou realismo-mágico, que, inspirado na reação do homem primitivo contra o cerceamento do instinto e da magia pelo mecanicismo e racionalidade da civilização ocidental, amparou em intensidade variável, as mais poderosas criações da América Latina, neste século, como as de: Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Jorge Luís Borges, Alejo Carpentier, Vargas Llosa, Manuel Puig e, entre nós, projetou-se no *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo; em alguns momentos da obra de Guimarães Rosa; em José Cândido de Carvalho, em J. J. Veiga e outros.

Integrando “a paixão intelectual do presente com a carga emocional das realidades românticas de expressão” (C.E. Cirlot), o Surrealismo está na raiz de movimentos como: *os beatniks*, *o underground*, *a contracultura*, *os hippies*, *o punk* etc.

Murilo Mendes

Vozes do Modernismo

No desdobramento da Semana, grupos de jovens, entusiasmados com os ideais modernistas, lançaram suas próprias revistas, que expressaram – na forma e no conteúdo – o que pensavam seus editores. Antes da Semana, alguns periódicos já existiam, como por exemplo *O Pirralho*, a *Revista do Brasil*, as revistas *Fon-Fon* e *Panóplias*.

Klaxon

A revista de articulação mais ampla, no entanto, e que representou as propostas modernistas, foi a *Klaxon – Mensário de Arte Moderna*, lançada em maio de 1922, logo após os eventos no Teatro Municipal. O editorial do primeiro número foi assinado por vários colaboradores e afirmava, com grande veemência, os caminhos que os modernistas pretendiam seguir: “representar a década de 20”, “construir a alegria”, “proclamar a era do riso e da sinceridade”; tudo bem de acordo com o significado de *Klaxon* (buzina em francês).

Revista futurista e vanguardista, a *Klaxon* enveredou pelo caminho da experimentação constante.

Estética e Festa

Outro órgão modernista foi lançado em 1924, no Rio de Janeiro, a revista *Estética*, liderada por Sérgio Buarque de Holanda. Teve vida curta, mas obteve a colaboração de elementos de várias partes do Brasil. Tanto *Estética* como *Klaxon* preocuparam-se em dar um caráter social e participativo aos novos tempos. Em 1927, surgiu a revista católica *Festa*, do Rio de Janeiro, em que participaram Tasso da Silveira, Gilka Machado, Murilo Mendes e Cecília Meireles.

Terra Roxa e Outras Terras

Um ano antes, em 1926, aparecia em São Paulo a *Terra Roxa e Outras Terras*, que pretendeu “interiorizar os debates”, “trazê-los para dentro do Brasil”. Revista heterogênea, nela participaram, ao lado de outras grandes vozes, como Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, alguns elementos expressivos.

Revista de Antropofagia

Duradoura foi a *Revista de Antropofagia*, fundada em maio de 1928, existindo até fevereiro de 1929, com 10 números, numa primeira fase, sob a liderança de Raul Bopp e Alcântara Machado. A segunda fase, com 16 números, foi capitaneada por Geraldo Galvão Ferraz e durou de março a agosto de 1929. Iniciada com o *Manifesto Antropofágico*, assinado por Oswald de Andrade, foi uma revista radical, no sentido de que defendia a brasilidade em todos os sentidos. Fazem parte do *Manifesto Antropofágico* as célebres frases “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo ...”, “*Tupi or not tupi, that is the question*”, “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”

Os Movimentos Modernistas

Os principais grupos que apareceram depois de 22, que passaremos a estudar mais detalhadamente, foram os seguintes: movimento **Pau-Brasil**, movimento **Verde-Amarelo**, movimento da **Anta**, movimento **Antropofágico**. Além desses, citam-se ainda a corrente dinamista, a espiritualista e o “desvairismo”, criado por Mário de Andrade.

Movimento Pau-Brasil (1924)

Principais representantes: Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Paulo Prado.

Objetivo: revalorização dos elementos primitivos da cultura brasileira, por intermédio de obras de arte que redescobrissem o Brasil, seus costumes, seus habitantes e suas paisagens.

Obra literária representativa: poesia *Pau-Brasil* de Oswald de Andrade.

Texto ilustrativo: Relicário (Oswald de Andrade)

No baile da Corte
Foi o Conde D’Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e cai.

Movimento Verde-Amarelo (1926)

Principais representantes: Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Cândido Mota Filho.

Objetivo: proposição de uma postura nacionalista.

Observação:

A partir de 1927, o movimento Verde-Amarelo transformou-se no movimento da Anta que, continuando a linha nacionalista de 1924, tendeu a assumir posições conservadoras. Alguns de seus representantes passaram a apoiar o movimento político do integralismo.

Texto ilustrativo: texto do Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta.

“O grupo verde-amarelo, cuja regra é a liberdade plena de cada um ser brasileiro como quiser e puder; cuja condição é cada um interpretar o seu país e o seu povo através de si mesmo, da própria determinação instintiva; o grupo ‘verde-amarelo’, à tirania das sistematizações ideológicas, responde com sua alforria e a amplitude sem obstáculos de sua ação brasileira. Nosso nacionalismo é de afirmação, de colaboração coletiva, de igualdade dos povos e das raças, de liberdade do pensamento, de crença na predestinação do Brasil, na humanidade, de fé em nosso valor de construção nacional.

Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma de nossa gente, através de todas as expressões históricas.

Nosso nacionalismo é verde-amarelo e tupi.

O objetivismo das instituições e o subjetivismo da gente sob a atuação dos fatores geográficos e históricos.”

Revistas e manifestos

- Publicada em São Paulo, com páginas dedicadas a Graça Aranha, mostrou uma tentativa de organização dos ideais da Semana.
- Duas linhas se confundiam no movimento e em *Klaxon*: a futurista (valorização da técnica e da velocidade); e a primitivista (surrealista, centrada na liberação das forças inconscientes).
- De um lado, a ânsia de acertar o passo com a modernidade; de outro, a certeza de que as raízes brasileiras (indígenas e negras) precisavam de uma atenção estético-primitivista.

Revista *Estética*

- Lançada no Rio de Janeiro em 1924, teve três números em que se verifica a preocupação de fixar a renovação da linguagem literária.

Manifesto da poesia Pau-Brasil

- Publicado inicialmente no *Correio da Manhã*, em 18/03/24, e posteriormente no livro de poesias *pau-Brasil*: “... pensei (...) em fazer uma poesia de exportação. Como o *pau-brasil* foi a primeira riqueza brasileira exportada, denominei o movimento Pau-Brasil”. (Oswald de Andrade)
- Defende uma linha primitivista e anárquica.
- Esse primitivismo anárquico que prega um retorno às raízes primitivas da nacionalidade apresenta como recursos: a paródia, o deboche, o poema-piada, os provérbios, os mitos e lendas indígenas, negras e cablocas.
- Veja alguns trechos do manifesto:

 “País de dores anônimas. De doutores anônimos. Sociedade de naufragos eruditos.

Donde a nunca exportação. A poesia emaranhada na cultura. Nos cipós das metrificações.”

“A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrao e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos (...) Obuses de elevadores, cubos de arranha-céu e a sabiá preguiçã solar. A reza. O carnaval. A energia íntima. O sabiá.

A hospitalidade um pouco sensual, amorosa. A saudade dos pajés e os campos de aviação militar. Pau-Brasil.”

“A língua sem arcaísmo, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos (...) Contra a cópia, pela invenção e pela surpresa.”

Manifesto do “Verde-Amarelismo”

- Surgido em 1926, o grupo contrapõe-se ao primitivismo destruidor do Pau-Brasil.
- Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo foram os principais participantes.
- Reforço do sentimento de brasilidade valorizando um nacionalismo xenófobo com apelos à terra, à raça, ao sangue.
- O grupo evolui para a Escola da Anta, de extrema-direita ou Nhen-gaçu Verde-Amarelo que lançou seu manifesto em 1929.
- *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, é a obra típica do “Verde-amarelismo”.

Manifesto Antropofágico

- Reafirmação e ampliação das ideias do Pau-Brasil.
- Veja algumas dessas ideias: “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. *Tupi or not tupi, that is the question*”.

Outras revistas

- *A Revista* (divulgação do Modernismo em Minas Gerais). Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava.
- *Verde* (Cataguases, MG) – Seguiu a trilha de *A Revista* pregando a liberdade expressiva e temática.
- *Terra Roxa e Outras Terras* (SP) – Substituiu *Klaxon*.
- *Festa* (RJ) – Fundada por Tasso da Silveira, lançou a corrente Espiritualista.
- *Leite Criôlo* (MG) – Dirigida por João Dornas Filho.



Exercícios Propostos

- As questões de **01** a **04** referem-se ao texto abaixo, transcrito de uma conferência proferida por Mário de Andrade, em 1945.

Texto

“Manifestado especialmente pela arte, mas marcando também com violência os costumes sociais e políticos, o Movimento Modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional.

A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática europeia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reavaliação e mesmo a remodelação da inteligência nacional. Isso foi o Movimento Modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal. Há um mérito inegável nisto, embora aqueles primeiros modernistas... das cavernas, que nos reunimos em torno da pintora Anita Malfatti e do escultor Victor Brecheret, tenham como que apenas servido de altofalantes de uma força universal e nacional muito mais complexa do que nós. Força fatal, que viria mesmo.”

- 01.** O Modernismo:
- limitou-se a influenciar a literatura.
 - limitou-se a afetar as manifestações artísticas.
 - afetou toda a vida nacional.
 - n.d.a.
- 02.** A explosão do Movimento Modernista brasileiro relacionou-se:
- ao enfraquecimento gradativo dos grandes impérios.
 - aos novos ideais políticos europeus.
 - à velocidade do mundo moderno.
 - todas as anteriores.
- 03.** Entre as coisas que o texto não relaciona ao surgimento do espírito novo modernista e à reformulação da inteligência nacional, inclui-se:
- a viagem de Oswald de Andrade à Europa.
 - o desenvolvimento da consciência americana e brasileira.
 - os progressos internos da técnica e da educação.
 - n.d.a.
- 04.** A Semana de Arte Moderna:
- foi a origem da renovação modernista brasileira.
 - foi a manifestação coletiva e pública das modificações que vinham sendo apresentadas pela arte, já antes de 22.
 - foi fruto exclusivo da influência de Anita Malfatti e Victor Brecheret.
 - n.d.a.

Gabarito – Exercícios Propostos

01	02	03	04
C	D	A	B

A Geração de 22

O primeiro tempo modernista (1922/30)

A ERA DA MÁQUINA

“Eia! eia! eia!

Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!

Eia! eia! eia! eia! hô-ô-ô!

Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

lçam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô eia!

Eia! sou o calor mecânico e a eletricidade!”

Álvaro de Campos – Heterônimo de Fernando Pessoa – fragmento da *Ode Triunfal*.

A máquina, a eletricidade, o automóvel, o avião, as massas proletárias, as megalópolis, a aceleração progressiva e a velocidade crescente com que todas essas transformações e conquistas se abateram sobre o homem, haveriam de determinar nele profundas alterações na maneira de ele perceber e se relacionar com esse novo universo e, como consequência, na forma de expressá-lo artisticamente.

A POESIA MODERNA

“Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito.

E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios

Que largam do cais arrastando nas águas por sombra

Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido

E esta paisagem é cheia de sol deste lado...

Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio

E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...”

Fernando Pessoa

Observe neste poema que a revelação de uma realidade interior atravessa abstratamente a realidade perceptível através dos sentidos, ao materializar o desejo de um porto sonhado, traduzindo a angústia do poeta à procura de seu próprio ser no mundo. Veja a superposição de duas realidades; a vida vivida e a vida sonhada.

A poesia moderna é, muitas vezes, difícil ao aluno e aos não iniciados nos seus mistérios. Ela rompe a sintaxe, o encadeamento lógico; é elíptica, alusiva, não tem limitações normativas e o ritmo é criado a cada momento, como descargas de vivências profundas, delírios emocionais, violentando nosso impulso natural de buscar as coisas fáceis, sobretudo, nos domínios da expressão através da língua.

FARIAS BRITO. 1º LUGAR DO BRASIL NO IME.

**SIM,
ELAS
PODEM.**

Elas têm voz
E voto
Têm opinião
E decisão
Elas são determinadas
E capacitadas
Elas seguem
Elas batalham
Elas conquistam

2011 começou com a posse da primeira presidente mulher do Brasil. Nada melhor que encerrar o ano com mais uma grande vitória para as mulheres. Adriana Nunes, aluna FB, é a primeira mulher a conquistar o 1º lugar do Brasil no IME.

O Farias Brito aprovou sozinho mais que todas as capitais do Brasil, exceto Fortaleza e Rio de Janeiro.

CAPITAL	APROVADOS
FORTALEZA	111
RIO DE JANEIRO*	88
FARIAS BRITO	45
SÃO PAULO	25
RECIFE	18
BRASÍLIA	17
GOIÂNIA	14
BELO HORIZONTE	12
CURITIBA	5
BELÉM	4
SALVADOR	4
PORTO ALEGRE	3
TOTAL	301

* Cidade sede. Não contabilizado o IME.

Farias Brito. A maior aprovação do Ceará.

ESCOLAS CEARENSES	APROVADOS
FARIAS BRITO	45
ESCOLA B	25
ESCOLA C	24
ESCOLA D	6
ESCOLA E	5

"Para além de mim mesma, a valorização da mulher melhora nossa sociedade e valoriza a nossa democracia."
Dilma Rousseff

"Somos filhas de uma mesma pátria, sempre buscando construir um Brasil mulher."
Adriana Nunes



ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL
FARIAS BRITO
Lições para toda a vida.

Adriana Nunes
1º LUGAR GERAL DO BRASIL NO IME.